

OS “HOLANDESES” DE CARAMBEÍ: EM BUSCA DE (UMA NOVA) IDENTIDADE

Letícia Fraga*

Resumo: Carambeí, uma pequena cidade no interior do Paraná, é a primeira colônia holandesa do Brasil, fundada em 1911. E apesar de ser bastante antiga, até hoje temos a impressão de que saímos do Brasil quando vamos a Carambeí e conhecemos sua gente. Mas o que é fato e o que é impressão? Quem são os carambeienses? São holandeses ou são brasileiros? Considerando que essas questões ainda não foram suficientemente respondidas e que o município de Carambeí é bastante complexo cultural e linguisticamente, neste estudo pretende-se discutir a identidade dos “holandeses” de Carambeí. De acordo com os dados coletados, no que diz respeito à identidade manifestada pelos “holandeses”, percebe-se que se estabelecem dois grupos distintos: o dos “brasileiros” (parte do Grupo 2F e Grupos 3M e 3F) e o dos “holandeses” (Grupos 1M, 1F, 2M, e parte do Grupo 2F).

Palavras-chave: Língua portuguesa. Dialectos. Carambeí. Identidade.

Abstract: Carambeí, a small town in Paraná, is Brazil's first Dutch settlement, founded in 1911. In spite of its being quite old, it seems as though one has left Brazil when visiting Carambeí and meeting its people. But what is fact and what is feeling? Who are the Carambeienses? Are they Dutch or are they Brazilian? Considering that these queries were not sufficiently answered and that the municipality of Carambeí is fairly complex, both culturally and linguistically, this study intends to discuss the identity of the “Dutch” of Carambeí. In relation to the identity revealed by the “Dutch”, it is noticeable that two different groups are established there: the “Brazilians” (a part of Group 2F and Groups 3M and 3F) and the “Dutch” (Groups 1M, 1F, 2M and a part of Group 2F).

Keywords: Portuguese Language. Dialects. Carambeí. Identity.

1 Introdução

À primeira vista, Carambeí¹, uma cidadezinha de dezessete mil habitantes distante 15 km da cidade de Ponta Grossa/PR, é uma típica cidade do interior: silenciosa, tranqüila, onde todo mundo conhece todo mundo. Mas se a analisamos mais detidamente, percebemos que ela tem características que a diferenciam das outras pequenas cidades da região. Logo na entrada da cidade, por exemplo, há um pequeno jardim com flores e duas réplicas dos famosos moinhos holandeses, de mais ou menos dois metros cada um.

¹ O nome *Carambeí* significa “rio das tartarugas” e é a junção de *carambé* (carumbé), que significa tartaruga, e *y*, que significa rio em guarani (KOOY, 1978, p. 9).

* Professora Doutora do Departamento de Letras Vernáculas – Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Em seguida, após a entrada da cidade, já na Avenida dos Pioneiros, que é a principal avenida do centro, há o Hotel *De Klomp* (“o tamanco”), famoso pelo imenso tamanco holandês na entrada. Se continuarmos pela Avenida dos Pioneiros, poderemos ver também uma série de casas antigas, de arquitetura bastante semelhante.

Os moinhos do jardim da entrada da cidade, o hotel *De Klomp* e seu imenso tamanco holandês e a arquitetura das casas antigas da Avenida dos Pioneiros – além de outros indícios que atraem a nossa atenção, como o logotipo da famosa “holandesinha” da Fábrica de Laticínios Batavo – remetem de forma bastante explícita ao fato de que Carambeí é uma cidade fundada por holandeses. Mais especificamente, a primeira – portanto, a mais antiga – colônia holandesa do Brasil, fundada em 1911.

Apesar de a colônia ser bastante antiga – está às vésperas de completar cem anos de fundação – até hoje ir a Carambeí é como sair do Brasil e ir para outro país, principalmente porque lá as pessoas são todas muito altas, claras, de cabelos louros e olhos azuis. Muito parecidas umas com as outras, aos nossos olhos.

Essas são as primeiras impressões que tivemos a respeito da cidade de Carambeí e de sua gente. Mas o que é fato e o que é prejulgamento? Quem são realmente essas pessoas? São holandeses ou são brasileiros? Considerando que essas questões ainda não foram suficientemente respondidas e que o município de Carambeí é bastante complexo cultural e lingüisticamente, neste estudo pretende-se descrever a situação lingüística da sua comunidade “holandesa”², mais especificamente a questão da identidade dos “holandeses” de Carambeí, tomando como unidade de análise a comunidade de fala holandesa, a família e o indivíduo bilíngües em português/holandês. Como hipótese de trabalho propõe-se que a identidade dos “holandeses” não é uma só. Os mais velhos tendem a ver-se como “holandeses” e os mais jovens, como “brasileiros”.

² Neste trabalho, as designações “holandês(es)”/“holandesa(s)” (entre aspas) serão usadas para fazer referência ao indivíduo descendente de holandeses que nasceu no Brasil, em oposição às designações “brasileiro(s)”/“brasileira(s)” (também entre aspas), que se referem ao indivíduo que nasceu no Brasil e não é descendente de holandeses. A opção por essas designações deu-se por duas razões: os próprios “holandeses” de Carambeí fazem tal distinção (autodenominam-se “holandeses” e distinguem-se dos não holandeses, a quem chamam “brasileiros”) e Rickli (2003) propõe em seu trabalho sobre a colônia de Castrolanda a utilização do termo “brasileiro” como referência ao indivíduo que nasceu no Brasil e que não tem ascendência holandesa.

2 Materiais e métodos

Nesta pesquisa, para fazer o levantamento dos dados a respeito da identidade dos “holandeses” de Carambeí, utilizou-se o método etnográfico. Isso porque estudos etnográficos muito têm contribuído para o entendimento da história da cultura de diferentes povos, uma vez que possibilitam que “uma variedade de métodos sejam utilizados para minimizar a imposição das percepções e categorias culturais [do pesquisador] no registro e interpretação de um outro sistema”, como afirma Saville Troike (1989, p.128). Portanto, utilizar o método etnográfico significa levantar todos os dados possíveis de uma comunidade, no sentido de investigar um determinado grupo e sua cultura específica. Segundo Arnould e Wallendorf (1994), o método etnográfico caracteriza-se pela prática de:

- Coleta de dados e registro das ações no seu local natural (ou seja, onde acontecem na realidade e não em laboratórios ou em situações superficiais).
- Participação do pesquisador em um contexto cultural específico.
- Incorporação de múltiplas fontes de dados, entre as quais se encontram a observação (que pode ser participante ou não participante) e a entrevista (não estruturada ou estruturada).

Assim, o método etnográfico requer que o investigador penetre no universo cultural de um grupo étnico específico³ e, guiado basicamente pelas informações aí obtidas, desvende sua história, seus significados e suas respectivas inter-relações. Em etapa posterior, é preciso selecionar os eventos correlacionados aos objetivos investigativos propostos, ou selecionar o que, no curso da investigação, se revele mais significativo para o específico interesse do etnógrafo. Por envolver a chamada observação-participativa, os estudos etnográficos proporcionam uma ampla visão sobre, por exemplo, a real significação de determinados fatores sociais e lingüísticos em determinada comunidade de fala.⁴ Logo, ao adotar um método dessa natureza, evitam-se, por exemplo, meras descrições.

³ É o grupo humano formado em função da comunidade de língua, religiões e instituições sociais. É um elemento definidor da identidade de grupos humanos, por dar conta das aglutinações culturais historicamente verificáveis entre os seres, permitindo a percepção do homem na sua diversidade, como animal essencialmente cultural (FERREIRA NETO, 1997, p.320).

⁴ Segundo Alkmim (2001, p.31), uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras.

Apesar das vantagens citadas, o método tem limitações. Em geral, constata-se que o problema a ser investigado nos estudos etnográficos vai-se delineando juntamente com a pesquisa na comunidade. Em decorrência disso, as hipóteses também se definem durante a investigação (HEATH, 1982). No entanto, uma das maiores dificuldades advindas do método etnográfico reside no caráter subjetivo tanto das observações quanto das avaliações feitas. Portanto, é preciso atentar para que os valores ou preconceitos do grupo social de que o investigador faz parte não interfiram na seleção e na análise dos dados observados no grupo alvo. Em função disso, Morey Filho (1993, p.25) alerta que “*the strength of the ethnographic method lies in its attempt to understand human action only in relation to the value system of the culture where they belong*”⁵, ou seja, o que fundamenta, basicamente, a atividade do etnógrafo é a importância que este atribui à cultura de uma comunidade de fala.

A natureza do método requer que o fenômeno seja investigado a partir das dimensões espacial e temporal, uma vez que as situações, os eventos e as ações somente podem ser entendidos como práxis cultural quando geográfica e historicamente agrupados. Diferentemente de outros paradigmas investigativos, em etnografia, no processo de obtenção dos dados, “*not to make any mystery of one’s sources is the key element that gives credibility to the ethnographic method*”⁶. (MOREY, 1993, p.25).

Alguns estudos de situações semelhantes à situação que observamos sinalizam o fato de que a análise de uma situação lingüística como a da colônia de Carambeí exige muito mais do que a simples descrição da situação funcional das línguas faladas pela comunidade pesquisada. Daí a opção pelo método etnográfico.

Em síntese, atentou-se para uma questão inerente à tarefa do etnógrafo, a de suspender temporariamente o julgamento e abstrair os conhecimentos próprios, que são consequência do pertencimento a uma cultura particular, de forma a tentar entender outra vida cultural como um “*insider*”. Esse foi o procedimento adotado quando da coleta de dados etnográficos no município de Carambeí- PR.

⁵ “A força do método etnográfico reside em sua tentativa de compreender as ações humanas somente em relação ao sistema de valores da cultura à qual pertencem” (MOREY FILHO, 1993, p.25, tradução nossa).

⁶ “Não fazer qualquer mistério sobre as fontes é o elemento-chave que confere credibilidade ao método” (MOREY, 1993, p.25, tradução nossa).

A investigação da comunidade “holandesa” de Carambeí, mediante aplicação do método etnográfico e da etnografia da comunicação, compreendeu aproximadamente o período de um ano e meio: de março de 2005 a agosto de 2006. A observação como “*sympathetic participant-observer*” ou como “*analytical participant-observer*” - isto é, junto com o grupo e sobre o grupo - foi adotada, já que a comunidade está relativamente acostumada a tais formas de observação, principalmente pelo contato com jornalistas, com turistas do país e do exterior e com pesquisadores.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados nessa pesquisa foram a observação, a entrevista e o questionário⁷, que são bastante relevantes no caso de um trabalho de campo na área de sociolinguística, como este estudo. Na seqüência, descreveremos cada uma das etapas da coleta de dados.

1) A observação, primeiro instrumento de coleta de dados utilizado nesta pesquisa, também foi utilizada em todas as outras etapas de coleta de dados seguintes, inclusive na das entrevistas.

A observação na zona urbana de Carambeí, por meio do que se analisou o comportamento linguístico do informante em situações de interação natural, foi realizada em diversos ambientes como, por exemplo, nas Igrejas (em cultos, estudos bíblicos, batizados e casamentos de membros da comunidade “holandesa”) e nas escolas. Mediante contatos estabelecidos durante essa fase de observação, levantaram-se impressões sobre a realidade linguística da comunidade em estudo.

Pela observação pôde-se:

- Obter impressões sobre a vida comunitária e sobre as condições de vida dos membros da comunidade “holandesa” de Carambeí.
- Obter impressões quanto à identidade dos “holandeses”.
- Reconhecer problemas ou assuntos da comunidade que poderiam ser introduzidos como tópicos na entrevista sociolinguística.
- Selecionar informantes para a constituição da amostra.

Desse modo, a observação forneceu material para a descrição etnográfica da comunidade de fala holandesa em Carambeí e funcionou também como fase preparatória para a realização da entrevista sociolinguística.

⁷ O roteiro de entrevistas (Anexo 3) e o questionário (Anexo 2) estão descritos nos anexos deste trabalho.

O questionário (Anexo 2) foi o segundo instrumento de coleta de dados utilizado. Preenchido pelo informante antes de este ser entrevistado, esse instrumento foi elaborado de modo a propor:

- Questões que verificassem os usos funcionais da língua holandesa e portuguesa.
- Questões que abordassem os informantes quanto a sua identidade.

O questionário continha somente “questões abertas”, por meio das quais que se podem obter informações mais ricas e variadas, uma vez que o entrevistado tem a oportunidade de responder com suas próprias palavras.

Como já se disse, os dados referentes ao perfil sociocultural do entrevistado (como naturalidade, filiação, estado civil, ocupação, religião etc.) foram anotados na ficha de dados pessoais.

Depois que o informante preenchia o questionário, ele passava a ser entrevistado. Os procedimentos da entrevista serão descritos a seguir.

2) A entrevista foi o terceiro instrumento de coleta de dados utilizado. É um instrumento importante, pois por meio dela podem-se obter respostas mediante perguntas diretas ao informante. Além disso, os dados obtidos por meio de gravação possibilitam, no momento da transcrição, a observação de aspectos ligados à entoação, ritmo etc., que podem contribuir para confirmar ou não uma dada atitude do informante em relação à questão proposta. Manter um diálogo com o informante torna mais fácil a tarefa de obter as informações que se deseja colher, pois desse modo pode-se observar não apenas o que estava sendo dito pelo informante, mas como era dito.

Definido o que se queria obter dos informantes, elaborou-se um roteiro de entrevista (Anexo 3), cuja utilização atendeu inicialmente à necessidade de submeter os informantes aos mesmos tópicos, mas possibilitou também que houvesse uma atitude flexível do pesquisador na situação de entrevista, permitindo-lhe:

- Repetir questões até que se tivesse a garantia de que o informante a havia compreendido.
- Retomar questões não respondidas satisfatoriamente, pelo fato de o informante se desviar com o relato de dados não pertinentes.

- Avaliar a necessidade ou não de suspender temporariamente a sessão de entrevista, em função do cansaço do informante, retomando-a posteriormente.

As entrevistas gravadas com os informantes foram realizadas da seguinte forma: num primeiro momento, para que a pesquisadora e os informantes ficassem mais a vontade, a pesquisadora fazia uma ou duas perguntas (sem gravar) relativas ao povo “holandês” e seus costumes. Num segundo momento, as entrevistas foram realizadas a partir do roteiro elaborado. Nelas utilizamos gravadores (digital e de fita cassete) e máquina fotográfica digital. Em todos os contatos com os informantes estes foram questionados a respeito de seu modo de vida, o que fez com que eles se mostrassem receptivos à entrevista.

Observou-se anteriormente que os informantes foram selecionados a partir da observação realizada na comunidade. A seguir se descreverão os grupos de informantes selecionados.

Os integrantes da comunidade em estudo residem tanto numa pequena área urbana – um pequeno centro onde se localizam agências bancárias, escola estadual, lojas, supermercados etc. – quanto em locais mais afastados, na área propriamente rural (em fazendas e sítios), e seu universo cultural foi igualmente investigado em ambas as localizações, uma vez que se visitaram várias famílias “holandesas” de Carambeí. No total, entrevistaram-se vinte e quatro pessoas⁸.

Os critérios⁹ gerais pré-estabelecidos para seleção dos informantes foram os seguintes :

⁸ Além dos trinta e quatro entrevistados, conversamos com mais pessoas (com o menino CG, da família 1 e os idosos WF e JF, da família 2 e MB da família 3, que são praticamente monolíngües em holandês), conversa essa que não pôde ser considerada propriamente uma entrevista. Entrevistamos também duas diretoras de escola (frequentadas por alguns “holandeses” de Carambeí) “brasileiras” e dois holandeses, o pastor Arjan Witzier e o professor de holandês da Escola Evangélica, Karsten Visscher. Esse material foi descartado como “entrevista”, mas as informações coletadas foram utilizadas no capítulo 4 de minha tese, na parte que descreve a comunidade, as escolas e a Igreja de Carambeí. Aliás, considerando os dados coletados nas entrevistas com as diretoras de escola “brasileiras”, fica a sugestão para que se realize no futuro um trabalho que discuta a visão que os “brasileiros” têm dos holandeses, o que, obviamente, não pôde ser realizado nesta pesquisa.

⁹ A definição do perfil dos informantes que forneceram os dados lingüísticos e a definição da natureza dos instrumentos de coleta de dados (observação, questionário e entrevista) foram pautadas nos parâmetros que orientam a Dialectologia moderna e aliam os fundamentos da pesquisa dialetológica tradicional a contribuições oriundas da Sociolingüística (ISQUERDO, 2004, p.1165).

- Ter mais de 18 anos.
- Ser descendente de holandeses (pelo lado materno ou paterno).
- Ter nascido (ou se mudado até os 5 anos¹⁰) e sempre vivido na região de Carambeí.
- Ser bilíngüe em português/holandês em algum grau¹¹.

Antes de cada entrevista, justificávamos a realização do estudo dizendo que pretendíamos compreender melhor a história da colonização holandesa de Carambeí pelos holandeses. Na seqüência, preenchíamos uma ficha com os dados pessoais dos informantes, tais como nome completo, idade, escolaridade, cidade em que moram, endereço etc. Na ficha (Anexo 1) havia, também, um espaço reservado para anotar o local em que a entrevista foi realizada e a data. Os informantes foram identificados pelas iniciais, para preservar a identidade de cada um.

No Quadro 1 a seguir, pode-se observar o perfil dos informantes que forneceram os dados referentes à discussão sobre a identidade dos “holandeses” de Carambeí.

¹⁰ Para a composição da amostra representativa (do grupo cuja variante de português foi analisada) foram entrevistados somente aqueles indivíduos que nasceram em Carambeí ou que se mudaram para lá até os cinco anos de idade. Com isso evitou-se que a escolaridade do informante em uma outra comunidade, ou sua interação com falantes de outro centro até a fase da adolescência tenham reflexo sobre a marca sociolinguística do grupo em estudo (DÜCK, 2005, p.46).

¹¹ Neste trabalho, será considerado bilíngüe em português e holandês o sujeito que ao menos revela ter competência lingüística nas duas línguas. Por outro lado, se o indivíduo afirma entender a língua, mas não fala holandês, será considerado bilíngüe incipiente. Diebold (1964) propõe a expressão *incipient bilingualism* para caracterizar os estágios iniciais de contato entre duas línguas. Romaine (1995, p.11) resume a situação dizendo que não se trata de uma questão de proficiência absoluta *versus* mínima [na língua estrangeira]. Uma pessoa pode ser bilíngüe em alguns níveis, mesmo que não seja capaz de produzir um enunciado completamente significativo. Uma pessoa pode, por exemplo, não ter o controle produtivo sobre uma língua, mas ser capaz de entender enunciados nela. Em tais circunstâncias lingüísticas geralmente fala-se de um bilingüismo passivo ou receptivo. Na região em estudo, o bilingüismo incipiente (cuja definição incorpora a questão do desenvolvimento) é bastante comum.

Os “holandeses” de Carambeí: em busca de (uma nova) identidade

Quadro 1 - Perfil sociocultural dos informantes

Informante	Sexo	Idade	Ascendência	Naturalidade	Profissão
DG	M	70 anos	filho de pais holandeses	Carambeí	aposentado
HS	M	73 anos	filho de pais holandeses	Carambeí	agricultor
JG	M	71 anos	filho de pais holandeses	Carambeí	pecuarista
BD	M	71 anos	filho de pais holandeses	Carambeí	agricultor
JLG	F	75 anos	filha de pais holandeses	Carambeí	dona de casa
WGG	F	75 anos	filha de pais holandeses	Carambeí	dona de casa
THS	F	72 anos	filha de pais holandeses	Carambeí	dona de casa
WCGE	F	74 anos	filha de pais holandeses	Carambeí	dona de casa
AF	M	50 anos	filho de pais holandeses	Telêmaco Borba	contador
BD	M	50 anos	filho de pais holandeses	Carambeí	guia de museu
WD	M	47 anos	filho de pais holandeses	Carambeí	agricultor
RW	M	46 anos	filho de pais holandeses	Carambeí	pecuarista
RHB	F	44 anos	filha de pais holandeses	Carambeí	secretária
IS	F	43 anos	filha de pais holandeses	Castrolanda ¹²	dona de casa
WSGG	F	41 anos	filha de mãe indonésia e pai holandês	Carambeí	dona de casa
AJWB	F	42 anos	filha de pais holandeses	Carambeí	professora
CD	M	23 anos	neto de avós maternos e paternos holandeses	Carambeí	estudante
FF	M	22 anos	neto de avós paternos holandeses	Carambeí	estudante
DF	M	24 anos	neto de avós paternos holandeses	Carambeí	estudante
MG	M	21 anos	neto de avós maternos e paternos holandeses	Carambeí	estudante
GF	F	22 anos	neta de avós paternos holandeses	Carambeí	estudante
SSM	F	21 anos	filha de mãe holandesa e pai “brasileiro” (filho de pais holandeses)	Carambeí	estudante
MD	F	20 anos	neta de avós maternos e paternos holandeses	Carambeí	estudante
FD	F	21 anos	neta de avós maternos e paternos holandeses	Carambeí	estudante

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

¹² Mudou-se para Carambeí aos 2 anos.

Para que os principais estratos da comunidade estivessem contemplados na pesquisa, fez-se uma reflexão cuidadosa sobre quais variáveis sociais seriam levadas em consideração. Então, optou-se por dois critérios: idade e sexo.¹³

A divisão por faixa etária é relevante neste estudo, pois um dos seus objetivos é verificar se há diferentes manifestações de identidade. Foram consideradas três faixas etárias, sendo que o primeiro grupo é formado por jovens de 18 a 25 anos (primeira faixa etária), o segundo compreende informantes entre 35 e 50 anos (segunda faixa etária) e o terceiro grupo abrange pessoas com mais de 70 anos de idade (terceira faixa etária).

Já a divisão por sexo justifica-se pelo fato de que homens e mulheres exercem diferentes papéis em cada comunidade (PAIVA, 2004, p.35). Por essa razão, homens e mulheres podem manifestar diferentes identidades. Em Carambeí, em função do trabalho, o homem tem mais contato com pessoas “não holandesas”. Diante disso, pode-se dizer que os homens participam de uma rede social mais aberta, o que exige um maior uso do português em relação às mulheres, que, em geral, se dedicam mais a trabalhos domésticos, interagindo menos com outras pessoas de fora da comunidade.

Assim, o conjunto dos informantes foi dividido em seis grupos:

a) Grupo 1M: informantes DG; HS; JG; BD.

O Grupo 1M é o grupo dos idosos de Carambeí. Seus componentes têm entre 70 e 75 anos. O grupo é bilíngüe em holandês/português.

b) Grupo 1F: Informantes JLG; WGG; THS; WCGE.

O Grupo 1F é o grupo das idosas de Carambeí. Têm entre 70 e 75 anos. O grupo é bilíngüe em holandês/português.

c) Grupo 2M: Informantes AF; BD; WD; RW.

O Grupo 2M é o grupo dos que representam os adultos descendentes de holandeses de Carambeí e têm entre 45 e 50 anos. O grupo é bilíngüe em holandês/português.

¹³ O critério “escolaridade” foi dispensado haja vista os subgrupos serem bastante homogêneos nesse sentido. O grau de escolaridade do Grupo 1M é de Ensino Fundamental incompleto, assim como do Grupo 1F; o do Grupo 2M é de Ensino Superior completo; o do Grupo 2F é de Ensino Médio completo ou Superior incompleto; e o dos Grupos 3M e 3F é Superior em andamento.

d) Grupo 2F: Informantes RHB; IS; WSGG; AJWB.

O Grupo 2F é o grupo das que representam as mulheres adultas descendentes de holandeses de Carambeí e têm entre 40 e 45 anos. O grupo é bilíngüe em holandês/português.

e) Grupo 3M: Informantes CD; FF; DF; MG.

O Grupo 3M é o grupo dos jovens descendentes de holandeses de Carambeí, que têm entre 20 e 25 anos e estão concluindo o ensino superior. Parte do grupo é somente bilíngüe incipiente em holandês/português.

f) Grupo 3F: Informantes GF; SSM; MD; FD.

O Grupo 3F é o grupo das jovens descendentes de holandeses de Carambeí, que têm entre 20 e 25 anos. Parte do grupo também é somente bilíngüe incipiente em holandês/português.

Dessa forma, mediante a comparação entre as diferentes amostras, acredita-se ser possível a generalização dos resultados obtidos.

3 Referencial teórico: a noção de identidade

Para Toscan (2005, p.50), a noção de identidade pressupõe a de alteridade, isto é, a existência do *outro* diferente do *eu*. Ambos se determinam reciprocamente, uma vez que ser *X* equivale a não ser *Y*. Neste trabalho, por exemplo, segundo depoimentos, “ser holandês” implica “falar holandês” e “não ser brasileiro”, ou seja, implica uma negação, uma diferenciação do outro. Enfim, “a mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença)” (SILVA, 2000, p.79). Além disso, na relação entre identidade e diferença, se estabelece uma “oposição binária”, isto é, enquanto um dos termos é prestigiado, valorizado, o outro, em oposição, é negado, desprestigiado (AMÂNCIO, 2007, p.48).

Para Silva (2000, p.76), a identidade e a diferença são conseqüências de um processo que se dá cultural e socialmente.

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais.

Portanto, a identidade não é imutável, lógica, fixa, mas inconstante, incoerente, instável e incompleta, posto que é estabelecida por pressões sociais. Dessa forma, identidade e diferença não são “simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas” (SILVA, 2000, p.81). Além disso, “dependendo de suas posições nos processos da sociedade, as pessoas ‘modernas’ podem ter identidades distintas e, algumas vezes, conflitantes”. (MEY, 1998, p.87-88).

Consideramos, assim, que a identidade social é uma representação, relativa à posição no mundo social, e portanto intimamente vinculada às questões de reconhecimento. Concebemos a possibilidade de múltiplas identidades, com base em referenciais distintos – como a origem territorial, a condição de gênero, a etnia, a atividade profissional etc. –, pois, enquanto uma construção simbólica, a identidade não é decorrência automática da materialidade. (PENNA, 1998, p.93).

Em termos gerais, os “holandeses” de Carambeí inicialmente consideraram-se brasileiros, sem exceção. Mas à medida que dão seus depoimentos, percebe-se que ora se estabelece uma oposição entre “eles”, identificados como “brasileiros” (os nascidos no Brasil e não descendentes de holandeses) e “nós”, os “holandeses” (os nascidos no Brasil e descendentes – filhos, netos ou mesmo bisnetos – de holandeses); ora entre “eles”, os holandeses da Holanda, e “nós”, os “holandeses” do Brasil. Há também os que afirmam sentir-se “meio holandês/meio brasileiro”, já que os “brasileiros” os consideram “holandeses” e os holandeses os consideram “brasileiros”, e os que não se sentem “nada, coisa alguma”.

Segundo depoimentos, a condição de “ser brasileiro” é “óbvia”, uma vez que todos “nasceram no Brasil”, na cidade de Carambeí.¹⁴ No entanto, essa parece uma denominação incompleta, que não dá conta de tudo o que a questão envolve (como o fato de boa parte da comunidade ser/ter sido bilíngüe em holandês/português), ou seja, ser “brasileiro” é diferente de ser “brasileiro descendente de holandeses”. Daí a autodenominação “holandês” (em oposição a “brasileiro”) mesmo para os nascidos no Brasil.

¹⁴ Apesar de, na prática, não haver carambeienses de fato, uma vez que não existe maternidade no município. Portanto, os “carambeienses” são castrensens (os nascidos em Castro-PR) ou ponta-grossenses (os nascidos em Ponta Grossa-PR).

Nesse sentido, as noções de atitudes lingüísticas e de identidade de grupo encontram-se imbricadas. “Puesto que existe una relación entre lengua e identidad, ésta ha de manifestarse en las actitudes de los individuos hacia esas lenguas y sus usuarios”.¹⁵ (FERNÁNDEZ, 1998, p.180).

No entanto, é preciso considerar que “A língua não tem a princípio qualquer papel especial ou constitutivo na identidade social – embora muitas vezes isso seja tomado como um pressuposto” (PENNA, 1998, p.101). Ao “estabelecer uma relação direta entre prática cultural e identidade social”, necessariamente se deve considerar “que a ausência de determinado traço indica perda de identidade”. (PENNA, 1998, p. 100)

Daí a pertinência do seguinte depoimento:

“Eu acho que mesmo que ninguém mais fale holandês aqui em Carambeí, mas nós vamos continuar sendo os holandeses. Acho que daqui a vinte anos, mesmo que não fale uma palavra de holandês, nós vamos ser sempre os holandeses (AF).”

Assim, a partir da observação das atitudes manifestadas por um grupo em relação à fala do outro, torna-se possível verificar se uma relação de identidade – lingüística e social – se estabelece ou não entre eles, “brasileiros” e “holandeses”. Em contrapartida, a identidade expressa ou não por um grupo em relação a outro pode também influenciar as atitudes manifestadas. (AMÂNCIO, 2007, p.51).

Os dados coletados nesta pesquisa levam-nos a concluir que a identidade manifestada entre os membros dos grupos pesquisados não é homogênea, estável ou uniforme. Ao contrário, ela é inconstante e até mesmo contraditória. É importante esclarecer que a identidade discutida aqui é aquela que o informante manifesta e não a que o pesquisador indica, pois também duvidamos, assim como Mey (1998, p.82), de que alguém tenha “o direito de dizer que ele ou ela pertence a um determinado grupo étnico”. Da mesma forma que não se pode “negar que ele ou ela pertence a tal grupo”. Se alguém o faz, sob quais fundamentos?

Nesse sentido, evitamos a classificação a partir do que “achamos ser”

¹⁵ “Já que existe uma relação entre língua e identidade, esta se manifesta nas atitudes que os indivíduos manifestam em relação a essas línguas e aos seus usuários” (FERNÁNDEZ, 1998, p.180, tradução nossa).

e consideramos essencialmente o que dizem sobre si mesmos os informantes, pois:

Parece não ser possível ao pesquisador deduzir a identidade do indivíduo ou do grupo a partir de seu modo de vida. Práticas [como a fala], bens etc. – ou seja, a partir de sua objetividade – pois **a representação mental do investigador**, produto do modo como percebe aquela materialidade, **pode não coincidir necessariamente com a que o próprio indivíduo faz de si** ou de suas práticas (ou a que outros grupos fazem dele). (PENNA, 1992, p. 72, grifos nossos).

4 Apresentação dos resultados

Os resultados da pesquisa sobre a identidade dos “holandeses” de Carambeí serão apresentados a seguir, por grupo de informantes.

Grupo 1M

O grupo 1M se autodenomina “holandês” em oposição aos “brasileiros”, que são, na verdade, os nascidos no Brasil que não têm ascendência holandesa. Os limites e contrastes que se estabelecem entre os grupos são explicitados por meio do emprego dos dêiticos “nós” e “eles”, presentes em praticamente todas as entrevistas, assim como outras expressões que evidenciam a existência de uma separação nítida entre os grupos dos “brasileiros” e dos “holandeses” de Carambeí. Muitos, inclusive, afirmam que os “brasileiros” é que os consideram “holandeses”. Portanto, se “holandeses” e “brasileiros” não formam um grupo único, isso também se deve aos “brasileiros”, que os vêem como um grupo à parte.

Os **brasileiros** que moram **aqui** se acostumam com os **holandeses** e **nós** com **eles**. Então **nós** somos, não **a gente, eu**, por exemplo, **nós aqui** [em Carambeí] **nós** somos **brasileiros**, mas talvez o **brasileiro** ache que nós não somos. [...] Tanto é que **nós** também, **nós** não tivemos nunca [amigos] **brasileiros**, né? E nem **holandeses** também. [...] É, eu tenho ótimos relacionamentos com tantas e tantas pessoas, né? Nessa minha vida toda aí, até hoje tenho, me dou muito bem, agora talvez também por falta de oportunidade, nunca cultivei uma amizade assim, mais intensa com, com, com **brasileiro**. [...] Eu sinto que, sei lá, existem algumas coisas que são diferentes (DG).

Os mais velhos relatam conflitos vividos pelos jovens, conflitos esses que parecem não entender.

Lembra ainda, treinando os hinos, hinos nacionais, um rapaz de família S. [Há] quarenta anos atrás. Ele cantando hino nacional da Holanda, fechou a boca. [Eu] disse: “por que você não ta cantando junto?” “Sou brasileiro” [ele respondeu]. “Sim, mas é educado quando vem gente da Holanda e gente do Brasil cumprimentar este gente brasileira com hino brasileiro e as autoridades da Holanda cantando hino nacional da Holanda”. [Ele disse] “ah, sim, eu canto”. [Então] ele cantava junto (HS).

De acordo com o depoimento, “brasileiros” e “holandeses” não formam um grupo único, homogêneo. É como se os “holandeses de Carambeí” fossem um grupo à parte, distinto até mesmo dos “holandeses da Holanda”. Estes, por sua vez, são considerados pelos “holandeses” de Carambeí mais “diferentes” do que os próprios “brasileiros”.

Nunca cultivei uma amizade assim, mais intensa com, com, com **brasileiro**. [...] Eu sinto que, sei lá, existem algumas coisas que são diferentes. E os **holandeses que vêm da Holanda** pra cá, daí é mais. A diferença pra mim é maior ainda (DG).

Grupo 1F

Assim como o grupo anterior, o Grupo 1F também se autodenomina “holandês”, em oposição ao grupo dos “brasileiros”.

Eu fiquei boba, **holandês** é de café mesmo. Mas o **brasileiro** também gosta café (WGG).

Uma vez no mês [há] um reunião **nossa**, dos velhinhos, só dos **holandês** (JLG).

Os **holandês** têm [um encontro de jovens], mas é tudo em português. Os **holandês** têm, mas os luterano são muito pouco. Daí não compensa, porque o pastor vem de Castro. **Nosso** pastor sempre vem de Castro, tem que pagar pedágio (JLG).

A denominação “brasileiro” serve para identificar o elemento “diferente” em termos lingüísticos, culturais e religiosos. Muitas vezes é o “intruso” que desestrutura a família “holandesa”, modificando seus hábitos e costumes.

Letícia Fraga

Os nossos filhos, os três, casaram com **brasileiros**, né? Que que se vai fazer? (TS).

1: A minha irmã, todos os genros e noras são brasileiros e às vezes tem um no meio que começa a falar holandês. Os brasileiros ficam lá e os outros falando holandês (THS).

2: O jeito é você se desculpar. “Por favor, desculpa, mas vamos em holandês porque é mais fácil” (HS).

1: Ah, mas isso [se desculpar] eles não fazem. Eles começam a falar em holandês e os outros lá. “O que que tão falando, tão falando de mim?” (THS)

2: Quando brasileiro é junto a gente fala português, precisa (HS).

Mas apesar de as “holandesas” considerarem-se distintas dos “brasileiros”, o grupo também se vê como um grupo diferente dos chamados “holandeses da Holanda”. Aliás, em relação a esse grupo parece haver uma relação de hostilidade mútua, pelo fato de estes se considerarem “superiores” aos imigrantes.

Quando **eles** vêm pra cá [holandeses], **eles** debocham, sabe, do jeito que a gente fala (HLV).

[O nome é] *heipkeeis*, mas não é o nome certo, né? Não é *heipkeeis* pras **holandês**, né? Mas pra **nós** é! Eu tenho um tio, né, que veio da Holanda, daí **nós** oferecemo *heipkeeis* e **ele** [perguntou] “que que [é] isso??” (WGG)

Grupo 2M

O grupo 2M também faz uma distinção entre dois grupos, “nós” e “eles”, sendo que “eles” corresponde ao grupo dos “brasileiros”. Em contrapartida, o grupo do “nós” não é identificado explicitamente como o grupo dos “holandeses” pelos informantes do grupo.

Aqui em Carambeí não era tanto assim. **Nós** já tínhamos contato com o **brasileiro** direto (AF).

É mais freqüente o grupo afirmar que é visto como “holandês” pelos “brasileiros”, o que, inclusive, parece não ter relação alguma com o fato de falar ou não holandês. Além disso, segundo o grupo essa é uma diferencia-

ção que sempre existirá, independentemente da vontade ou das atitudes dos “holandeses”.

Eu acho que mesmo que ninguém mais fale holandês, aqui, em Carambeí, mas **nós** vamos continuar sendo os **holandeses**. Acho que daqui a vinte anos, mesmo que não fale uma palavra de holandês, **nós** vamos ser sempre os **holandeses** (HM).

Muitos, aliás, rejeitam fortemente a denominação de “holandês”. No entanto, como se pode observar na fala a seguir, percebe-se que recusar a designação de “holandês” não significa assumir a de “brasileiro”, que sempre acaba correspondendo a um “ele/eles” e nunca a um “eu/nós”.

A maior vergonha que eu tive [foi] na vida profissional, quando eu comecei a trabalhar na cooperativa. E lá sempre o meu apelido foi “**seu holandês, seu holandês, holandês**”. Eu falei “eu não sou holandês”. Mostrava minha carteira de identidade. “Aqui, ó” Será que o **brasileiro** é tão burro de me dar uma carteira de identidade brasileira se eu... Não sou holandês. [...] Esse complexo [de estrangeiro] eu nunca tive. Mas eu posso te garantir, por eu ter sido uma exceção, no escritório, porque a maioria tinha sua própria propriedade, a maioria dos filhos das propriedades, **eles** trabalhavam nas chácaras mesmo. Então dentro do escritório eu era uma exceção. **Filho de holandês**, trabalhando no escritório, onde a maioria era **brasileiro**, vamos dizer assim. Daí, vinha de Ponta Grossa ainda o pessoal, então daí nas reuniões e tudo sempre, meu apelido sempre foi “**holandês**” no escritório. “**Seu holandês**”, “**seu holandês**”. Sempre contestei. E não é vergonha o termo certo. Ainda não concordo com esse termo teu. Não era vergonha. Só contestava. O termo pra mim não é vergonha. O termo pra mim, me enchia o saco mesmo. “Por que que você me chamam de **holandês**? Eu não quero ser chamado de **holandês**” (AF).

Alguns informantes do grupo se autodenominam “descendentes de holandeses”, expressão mais “neutra” que parece ser um meio-termo entre “holandês” – que é “forte demais” – e “brasileiro” – que parece insuficiente.

Tava já cinco meses na Holanda, encontrei um colega que estudava comigo no Brasil. Era **descendente de holandês** também (RW).

Que língua que eles falam com os filhos deles? E são **descendentes de holandês** também (AF).

Assim como os grupos anteriores, este grupo também não se identifica com os chamados “holandeses da Holanda”. No entanto, pelo menos aparentemente, entre esses dois grupos não se estabelece uma relação de hostilidade explícita.

Quando vêm os **holandeses**, que eu converso com **eles**, muitas vezes eu tenho que perguntar: “pode repetir?” ou “que palavras, o que que é essas palavras que falou?”. Então são palavras que **eles** usam. Então, é, eu, pra contar sobre a história de Carambeí lá na, no museu, muitas vezes eu tenho que pedir ajuda até dos próprios **holandês** porque de vez em quando **eles** fala uma palavras e é parecida com francês ou com, com inglês e eu não sei falar inglês. Então **eles**, **eles** me ajudam muitas vezes a descobrir a palavra certa pra aquilo que eu quero falar, pra, pra frase que eu quero formar. Então eu, eu falo razoavelmente. Não, os **holandeses** ficam admirados com, né, com, mais porque eu nasci aqui e, né, eu tive na Holanda, mas eu nasci aqui, então **eles** ficam admirados com o meu holandês (BD).

Grupo 2F

Este grupo é o primeiro que não se autodenomina – implícita ou explicitamente – “holandês”. Ao contrário, uma parte das informantes do grupo se autodenomina explicitamente “brasileira”, argumentando que nasceu no Brasil, conforme se pode verificar pelos depoimentos a seguir:

Eu não sou **holandesa**, eu sou **brasileira**, e isso pra mim há um tempo foi um problema. Assim, todo mundo pede porque, né? Você tem o sotaque. E o meu é bem acentuado, daí a... e daí a, fica aquela coisa, [de que] eu não sou **brasileira** (IS)

Na Holanda todo mundo pergunta pra mim, “você é estrangeira”, né? [E eu respondo:] “É, sou **brasileira**” (IS)

No entanto, para outra parte do grupo a questão não parece tão simples. De um lado, não se consideram “holandesas”, pois não nasceram na Holanda. Por outro lado, assumir-se como “brasileiras” parece não ser suficiente para dar conta de todas as especificidades inerentes ao assunto (que envolve, inclusive, o bilingüismo em holandês/português ainda presente na comunidade). Daí a denominação ‘alternativa’ de “carambiano”, esse sim um termo mais “específico” do que (simplesmente) “brasileiro”. Muitos informantes falam inclusive que é muito comum, ao dizerem que são de Carambeí – ou “carambeianos” –, serem perguntados se são “holandeses”.

Os “holandeses” de Carambeí: em busca de (uma nova) identidade

– Você se considerada **holandesa**?

– Ah, me considero **carambiana** (WSGG).

Eu me sinto **carambiana**, é (IS).

É possível ter uma idéia do quanto a questão é complexa analisando depoimentos como o transcrito a seguir, em que a informante não utiliza nenhuma designação explícita para referir-se ao grupo a que pertence, da mesma forma que não nomeia o grupo oposto. A distinção entre os grupos restringe-se à utilização de termos como “nós/a gente” em oposição a “eles”:

Então essa intriga **a gente** sempre tem, né? Não é todos, né? Não é **nós** que somo contra **eles**, de jeito nenhum. Tem muita gente boa aqui em Carambeí. Mas isso eu acredito que seja mesmo, **a gente** não é assim de ficar se abrindo, né? **A gente** num gosta de ficar se mostrando. Você tem essa diferença em qualquer lugar (AJWB).

O grupo 2F também entende que muitas vezes é considerado “holandês” pelos “brasileiros”, o que o distancia destes e impede que “holandeses” e “brasileiros” formem um grupo único, homogêneo.

Aqui **você** é visto como **holandês** e lá na Holanda... (AJWB)

Esse grupo também é o primeiro a admitir a possibilidade de que ser identificado como “holandês” é algo que causa vergonha.

Essa vergonha existe, de ser chamado de **holandês** (IS).

Grupo 3M

Este grupo considera-se brasileiro, uma vez que “nasceu no Brasil e não fala holandês”.

A gente? A gente é brasileiro, ué! Eu nasci no Brasil. E a minha língua materna é o português. Nem falo holandês direito (MG).

Por essa razão, o Grupo 3M não se considera um grupo à parte, distinto do grupo dos “brasileiros”. Na fala do grupo, não existe o emprego dos termos “nós” e “eles” ou de outras expressões que evidenciam a existência de uma separação nítida entre o grupo dos “brasileiros” e o dos “holandeses” de Carambeí. Muitos, inclusive, estabelecem essa

distinção em relação aos seus antepassados (avós, especialmente): esses, sim, correspondem a um “eles” que constitui um grupo isolado.

Eles têm dificuldade, né? Não falam português direito. Daí parece que também não se integraram. Ficam só entre **eles** ali. Daí é difícil (FF).

No entanto, segundo o grupo, em geral os “brasileiros” os consideram “holandeses”, o que, na prática, dificulta um efetivo pertencimento ao grupo dos brasileiros.

A gente é brasileiro, mas tem gente que não acha. Daí é chato (CD).

Grupo 3F

Da mesma forma que o grupo anterior, o grupo 3F também se considera “brasileiro”, pois nasceu no Brasil e sua língua materna é o português.

A gente é brasileira, nasceu no Brasil, fala português. O pouco que eu sei de holandês aprendi na escola, como se fosse uma língua estrangeira (MD).

Portanto, as moças “holandesas” consideram-se parte do grupo dos “brasileiros”, apesar de muitas vezes serem identificadas como “holandeses” pelos brasileiros não descendentes de holandeses:

Sempre no mesmo horário tinha a saída da [Escola] Júlia [Wanderley]. Então sempre tinha provocação: “olha ali a **holandesa**”. Então tinha que sair correndo pra casa pra não ter de encontrar (SSM).

Como o grupo anterior, as moças também consideram que seus antepassados (avós, especialmente) constituem um grupo à parte, que corresponde a um “eles”, os “holandeses” não integrados, em oposição a um “nós”, os “brasileiros” que assim se consideram.

4 Discussão dos resultados

Em geral, percebe-se que se estabelecem dois grupos distintos: o dos “brasileiros” e o dos “holandeses”. No caso dos primeiros grupos (Grupos 1M, 1F, 2M, e parte do Grupo 2F), há uma “auto-separação”, ou seja, os “holandeses” consideram-se “holandeses” em oposição ao grupo dos “brasileiros”. Já no caso dos últimos grupos (parte do Grupo 2F e Grupos 3M e 3F), há uma

separação estabelecida por parte dos “brasileiros”, que consideram os descendentes de holandeses como “holandeses”, portanto, como “diferentes”. Essa não-identificação (estabelecida pelo próprio grupo ou imposta pelo *outro*) entre os dois grupos pode ter traduzida pelo levantamento das características citadas a seguir, atribuídas pelos “holandeses” aos “brasileiros” e a si mesmos.

Quadro 2 - A visão que os “holandeses” têm de si mesmos e dos “brasileiros”

(continua)

Grupos	Brasileiros	“Holandeses”	Depoimentos
Grupo 1M	<ul style="list-style-type: none"> • Pouco estudiosos • Alegres 	<ul style="list-style-type: none"> • Muito estudiosos • Reservados 	<ul style="list-style-type: none"> • Eu falei pras alunas, vocês reclamam sua história. Só 500 anos. Na Holanda, 2.000 anos. Muito mais (HS). • O holandês é uma pessoa, é um, é um, é mais reservado do que o brasileiro. Brasileiro é mais expansivo, mais alegre (DG).
Grupo 1F	<ul style="list-style-type: none"> • Menos religiosos • Pouco exigentes 	<ul style="list-style-type: none"> • Mais religiosos • Muito exigentes 	<ul style="list-style-type: none"> • Os católicos só vão à missa, né? Mas agora eles também começaram a ajudar os próximos (WGG). • Sabe que eu acho que nesse ponto eu sempre admirei os meus sogros. Eles têm muito respeito, mas principalmente para Deus, na Holanda. E aqui você escuta o nome de Deus em vão, assim né? (WCGE). • Não é fácil ser pastor aqui. A gente é muito exigente. Mais que brasileiro. Se um gosta de uma, outro não gosta. O holandês tem um ditado sobre isso: “quem ta botando pedra na estrada, né? Não! É um ditado bem típico holandês. “Quem constrói estrada”, vamos dizer, “todo mundo pára e olha”, né? Então o pastor, ele constrói uma estrada, que nem o professor da escola. Ta sujeito à crítica. É um ditado holandês, é (THS).
Grupo 2M	<ul style="list-style-type: none"> • Não são pastores tão bons 	<ul style="list-style-type: none"> • São melhores pastores 	<ul style="list-style-type: none"> • Normalmente [rezo] em holandês, por causa das pregações do pastor holandês. Eu, eu prefiro as pregações do [pastor holandês]. Ele, ele [pastor brasileiro], pra mim, ele não sabe pregar. Ele é bem diferente do pastor que nós tínhamos. Olha, era excelente. Só que ele se aposentou, né? (BD).

(continuação)

Grupos	Brasileiros	“Holandeses”	Depoimentos
Grupo 2F	<ul style="list-style-type: none"> • “Educados” • Extrovertidos • Não são pastores tão bons 	<ul style="list-style-type: none"> • Francos • Reservados • São melhores pastores 	<ul style="list-style-type: none"> • Com a gente [holandeses], combinou, ta combinado. O brasileiro diz “ah, eu vou na tua casa”. E a gente fica esperando. Se o holandês disser que vai, ele vai. Se ele não tiver certeza, ele não diz (AJWB) • A gente não é assim de ficar se abrindo, né? Que nem no caso dessa entrevista. Eu meio fiquei com o pé atrás, falando de mim. A gente não gosta de ficar se mostrando (AJWB). • Nós temos um pastor holandês muito bom, né? A linha do pensamento não se perde. Eu acho assim, que os pastores que vêm da Holanda têm mais preparação, eles têm estudo mais completo. Então eles, as mensagens são mais completas, são mais estudadas, são mais cabeças (WSGG).
Grupo 3M	<ul style="list-style-type: none"> • Tranqüilos 	<ul style="list-style-type: none"> • Rigorosos 	<ul style="list-style-type: none"> • O “brasileiro” é mais tranqüilo, né? Diferente dos “holandeses” que são mais sérios, é tudo a ferro e fogo (FF)
Grupo 3F	<ul style="list-style-type: none"> • Extrovertidos 	<ul style="list-style-type: none"> • Reservados 	<ul style="list-style-type: none"> • O brasileiro é mais alegre, sorri mais. O holandês é quietão, não mostra os dentes (MD)

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa.

Neste pequeno levantamento, observa-se o quanto a questão da religião é importante para os “holandeses” protestantes (visto que, na comunidade estudada, há quase uma relação de igualdade entre “ser holandês” e “ser protestante”). Muitos chegam a dizer que o maior entrave à relação entre “holandeses” e “brasileiros” é a diferença religiosa. Além disso, pode-se perceber que praticamente todos os “defeitos” dos “brasileiros” têm a ver com a questão da (falta de) religiosidade. Por essa razão, a conversão religiosa (em função do casamento misto) é sempre vista com maus olhos pelos “holandeses”, pois os “brasileiros” não são considerados “lá muitos religiosos”.

Enfim, nos depoimentos dos informantes “holandeses” de Carambeí, percebe-se a presença de juízos de valor implícitos, que desempenham papel definitivo no estabelecimento de identidades ou diferenciações entre os grupos (AMÂNCIO, 2007, p.87).

Os “holandeses de Carambeí” e os “brasileiros” são, pois, grupos nitidamente distintos. Tal distinção contraria a identidade que os últimos grupos (parte do Grupo 2F e Grupos 3M e 3F) afirmam existir, uma vez que consideram a si mesmos “brasileiros”, mas confirma a impressão geral de não-identidade “imposta” pelos “brasileiros”, que consideram os “holandeses” um grupo à parte, separado, cujas fronteiras são bem delimitadas.

Portanto, a identidade dos “holandeses de Carambeí” é conflitante, pois são “holandeses” brasileiros (nascidos no Brasil), mas ao mesmo tempo não são simplesmente brasileiros. Por essa razão, autodenominam-se “holandeses” (Grupos 1M e 1F), “carambianos” (Grupos 2M e 2F), ou “descendentes de holandeses” (Grupos 3M e 3F). É uma identidade complexa, que encerra incoerências, posto que os “holandeses” de Carambeí também não se identificam com os “holandeses da Holanda”, de quem fazem questão de se distinguir. Além disso, ainda é interessante observar que, nesses termos, ser “holandês” não implica falar holandês. Os depoimentos, aliás, são muito claros quanto a isso. No entanto, a língua holandesa foi durante muito tempo a única língua falada na comunidade, de modo que assumiu um valor maior do que o da língua da sociedade maior, o português. Por essa razão, apesar de atualmente o holandês não ser mais falado por toda a comunidade, foi essa língua minoritária que estabeleceu a própria identidade do grupo etnolingüístico, uma vez que a identidade é construída a partir da história do grupo social.

Sumarizando o que foi dito até momento, a maioria dos “holandeses” de Carambeí considera-se “holandês” em oposição aos “brasileiros” que não têm ascendência holandesa e também são considerados “holandeses” pelos “não-holandeses”. Dessa forma, passam a formar um grupo étnico, pois a identidade social surge ao identificar-nos como membros de uma comunidade em que nos definimos como o endogrupo, em oposição aos demais, que são definidos como o exogrupo. Nessa definição, identidade é entendida como alteridade, pois não é possível falar desse construto sem se perguntar pelo Outro e pela nossa relação com esse Outro, da qual deriva a comparação com ele. (KRAMSCH, 1998, p.8).

No entanto, é necessário esclarecer que não há uma distinção categórica entre uma identidade e outra, de modo que a passagem de um pólo a outro se dá, na realidade, na forma de um processo contínuo. (AMÂNCIO, 2007, p.91). Assim sendo, “ser brasileiro” pode ser interessante em determinados momentos, como, por exemplo, na escola, na universidade, quando se está perto de “brasileiros” (fora da colônia) e não se quer destoar daquele grupo

(fazendo negócios, no trabalho), ou perto dos “holandeses da Holanda”. Por outro lado, em outras situações sociais dentro da colônia, na igreja, na família, nas amizades e no grupo de jovens, é interessante “ser holandês”. Por essa razão, os “holandeses” ainda preferem namorar e casar entre si, principalmente porque têm a mesma religião e os mesmos costumes.

Vou ofender a senhora, mas queria que eles casassem com holandês. Aí no fim a gente tinha que escolher um rapaz do mesmo raça. Então segurava demais. Aí a gente não sentiu tanto. Agora vai passar isso. Já ta passando, aliás, não ta mais assim. Ninguém contra casar com outra raça. Mas então... Não sou contra, a gente não é contra a raça. Nós não somos nem um pouco. A gente não tem destinação. Mas o povo não aceita quase é a religião, principalmente. Religião diferente. Tinha muita medo que a gente perdesse aquela fé que eles [tinham quando] vieram aqui, né? (WGG)

Dessa forma, pode-se dizer que:

Tudo depende, portanto, dos papéis sociais desempenhados e dos interesses vigentes, afinal, como já afirmamos anteriormente, os processos de identidade e diferença não são, nunca, inocentes ou desprovidos de ideologias. Trata-se, portanto, de um jogo de interesses que, pode até ser jogado inconscientemente, mas que define quando é feita e “identificação” e quando se deve optar pela “diferenciação”, ou seja, é a esse jogo que se atribui a delimitação entre a “identidade” e a “diferença”. (AMÂNCIO, 2007, p.91).

Considerações finais

No início deste trabalho, nos propusemos responder a uma série de questões a respeito da colônia holandesa de Carambeí e da comunidade “holandesa” que lá se estabeleceu há quase um século. Propusemo-nos analisar mais detidamente o indivíduo “holandês”, no sentido de estabelecer a(s) identidade(s) que este manifesta. Não desconsiderando o fato de que o município de Carambeí é bastante complexo cultural e lingüísticamente, este estudo pretendeu descrever a situação lingüística da comunidade “holandesa” de Carambeí, razão pela qual se tomou como unidade de análise a comunidade de fala holandesa, a família e o indivíduo bilíngües em português/holandês.

No que diz respeito à identidade manifestada pelos “holandeses”, em geral, percebe-se que se estabelecem três grupos distintos: o dos “brasileiros”,

o dos “holandeses” e o dos nem “brasileiros” e nem “holandeses” (ou *carambianos, descendentes de holandeses*). No caso dos Grupos 1M, 1F e parte do Grupo 2F, há uma “auto-separação”, ou seja, os “holandeses” consideram-se “holandeses” em oposição ao grupo dos “brasileiros”. Já no caso de parte do Grupo 2F e Grupos 2M, 3M e 3F, há uma separação estabelecida por parte dos “brasileiros”, que consideram os descendentes de holandeses como “holandeses”, portanto, como “diferentes”. Logo, os “holandeses de Carambeí”, os “brasileiros” e os que não assumem uma identidade “holandesa” ou “brasileira” são nitidamente grupos distintos. Tal distinção contraria a identidade que os últimos grupos (parte do Grupo 2F e Grupos 3M e 3F) afirmam existir, uma vez que consideram a si mesmos “brasileiros”, mas confirma a impressão geral de não-identidade “imposta” pelos “brasileiros” que consideram os “holandeses” um grupo à parte, separado, cujas fronteiras são bem delimitadas.

A identidade dos “holandeses de Carambeí”, portanto, é conflitante, pois são “holandeses” brasileiros (nascidos no Brasil), mas ao mesmo tempo não são simplesmente brasileiros. Por essa razão, autodenominam-se “holandeses” (Grupos 1M e 1F), “carambianos” (Grupos 2M e 2F), ou “descendentes de holandeses” (Grupos 3M e 3F). Portanto, é uma identidade complexa, que encerra incoerências, posto que os “holandeses” de Carambeí também não se identificam com os “holandeses da Holanda”, de quem fazem questão de se distinguir. Além disso, ainda é interessante observar que, nesses termos, ser “holandês” não implica falar holandês. Por essa razão, apesar de atualmente o holandês não ser mais falado por toda a comunidade, foi essa língua minoritária que estabeleceu a própria identidade do grupo etnolinguístico, uma vez que a identidade é construída a partir da história do grupo social.

Também é necessário esclarecer que não há uma distinção categórica entre uma identidade e outra, de modo que a passagem de um pólo a outro se dá, na realidade, na forma de um processo contínuo. (AMÂNCIO, 2007, p.91). Assim sendo, “ser brasileiro” pode ser interessante em determinados momentos, como, por exemplo, na escola, na universidade, quando se está perto de brasileiros (fora da colônia) e não se quer destoar daquele grupo (fazendo negócios, no trabalho) ou perto dos “holandeses da Holanda”. Por outro lado, em outras situações sociais dentro da colônia, na igreja, na família, nas amizades e no grupo de jovens é interessante “ser holandês”. Por essa razão, os “holandeses” ainda preferem namorar e casar entre si, principalmente porque têm a mesma religião e os mesmos costumes.

Letícia Fraga

Considerando esses resultados, parece não restar dúvida de que a identidade dos “holandeses” de Carambeí passa por um processo de mudança impulsionada pelos jovens, que constituem a parcela da população mais propensa à influência externa à comunidade. Essa maior propensão à influência externa deve ser atribuída não somente à receptividade ao novo, num sentido passivo, mas também porque transitam mais entre a colônia e as cidades vizinhas, seja para fins de estudo, trabalho ou lazer.

Anexo 1

Ficha de dados pessoais do informante	
Nome:	Sexo:
Idade:	Religião:
Naturalidade:	Estado Civil:
Naturalidade/Nacionalidade da mãe/pai:	
Naturalidade/Nacionalidade do avô/avó paternos:	
Naturalidade/Nacionalidade do avô/avó maternos:	
Endereço Completo:	
Nível de instrução escolar:	Profissão:
Profissão dos pais:	
Trabalha/estuda fora da comunidade? Onde?	
Local da entrevista: _____ Data: _____	

Anexo 2

Questionário

Nome:

Seu pai/mãe fala/entende holandês?

Seu pai/mãe lê/escreve em holandês?

Ocupação dos avós:

Escolaridade dos avós:

Ocupação do pai/mãe

Escolaridade do pai/mãe:

Quando entrou para a escola, que língua você falava?

Que línguas você fala/escreve?

Você fala/entende holandês?

Você lê/escreve holandês?

Você se considera brasileiro/holandês?

Os brasileiros consideram você brasileiro/holandês?

Como você definiria os “holandeses”?

Como você definiria os “brasileiros”?

Anexo 3

Roteiro de entrevistas

- 1) Qual a primeira língua que você aprendeu? Que língua você aprendeu na escola?
- 2) Quando você era criança, em que língua seus pais/avós falavam com você?
- 3) Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais ou avós?
- 4) Hoje, em que língua você fala com seus pais?
- 5) Hoje, em que língua seus pais falam com seus filhos? Em que língua você fala com seu filho?
- 6) Gosta mais do culto em português ou holandês? Por quê?
- 7) De que pastor você gosta mais? Por quê?
- 8) Aponte algumas semelhanças e diferenças entre o jeito de ser de “brasileiros” e “holandeses”.
- 9) Você acha que existe algum tipo de rivalidade/desentendimento entre os moradores daqui? (brasileiros e holandeses)
- 10) Você tem amigos “holandeses”/“brasileiros” (você prefere ter)?
- 11) Você se sente brasileiro ou holandês? Você acha que os “holandeses” do Brasil são diferentes dos “brasileiros”? São também diferentes dos holandeses da Holanda?
- 12) Os “brasileiros” identificam você como brasileiro ou holandês?
- 13) O que você pensa dos “brasileiros” (se você se considera distintos deles)?
- 14) Você acha que o “brasileiro” é menos religioso que o “holandês”?
- 15) Do que você tem mais orgulho sendo “holandês”?
- 16) Em que “brasileiros” e “holandeses” são diferentes?

Referências

- ALKMIM, T. M. Sociolingüística: Parte I. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*, v. 1. São Paulo: Cortez, 2001.
- AMÂNCIO, R. G. *As “cidades trigêmeas”*: um estudo sobre atitudes lingüístico-sociais e identidade. 2007. 102 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007
- APPEL, R.; MUYSKEN, P. *Bilingüismo y contacto de lenguas*. Barcelona: Ariel, 1996.
- ARNOULD, E. J.; WALLENDORF, M. Market-oriented ethnography: interpretation building and marketing strategy formulation. *Journal of Marketing Research*, v. 31, n. 4, p.484-504, Nov. 1994.
- DIEBOLD, A. R. Incipient bilingualism. In: BLOUNT, B. G. (Org.) *Language in culture and society*. New York: Harper & Row, 1964.
- DÜCK, E. S. *Witmarsum, uma comunidade trilingüe*: Plautdietsch, Hochdeutsch e Português. 2005. 114 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.
- FERNÁNDEZ, F. M. Actitudes Lingüísticas. In: _____. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel, SA: 1998. p.179-193.
- FERREIRA NETO, E. *História e etnia*. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. Domínio da história. Ensaio de Teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.313-328
- HEATH, S. B. Ethnography in education: defining the Essentials. In: GILMORE, P.; GLATTHORN, A. A. (Orgs.) *Children in and out of school*. Washington: Center for Applied Linguistics, 1982.
- ISQUERDO, A. N. Projeto do Alib: Veredas. *Estudos Lingüísticos XXXIII*, p.1163-1168, 2004.
- KOOY, H. A. *Carambeí 75 anos (1911-1986)*. Carambeí: Ed. do Autor, 1978.
- KRAMSCH, Claire. *Language and Culture*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- MEY, J. Etnia, Identidade e Língua. In: SIGNORINI, I (Org.) *Língua(gem) e identidade*. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 1998. p.69-88.
- MOREY FILHO, D. B. *Understanding the function of linguistics and education at Unijui*, Georgetown University, 1993.
- PENNA, M. Relatos de imigrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, I (Org.) *Língua(gem) e identidade*. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 1998. p.89-112.
- PENNA, M. *O que faz ser nordestino*: identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina. São Paulo: Cortez, 1992.
- SAVILLE-TROIKE, M. *The ethnography of communication, an introduction*. 2. ed. Oxford, Blackwell, 1989.

Leticia Fraga

SILVA, T. T. da. A Produção da Identidade e da Diferença. In: _____ (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p.73-102.

TOSCAN, M. P. *O comportamento lingüístico na comunidade bilíngüe ítalo-brasileira de Nova Pádua/RS: identidade, prestígio e estigma lingüísticos*. 2005. 189 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2005.

Recebido para publicação em 10 de julho de 2008.

Aceito para publicação em 07 de outubro de 2008.